

JORGE, João Miguel Fernandes. *Não é certo este dizer*. Lisboa: Presença, 1997.

Edgard Pereira

Universidade Federal de Minas Gerais

A estréia poética de João Miguel F. Jorge se deu com *Sob Sobre Voz* (1971), com prefácio de Ruy Belo que destacava a importância daquela poesia, *na linba dos melhores poetas de Poesia 61*. Integrou o grupo de *Cartucho* (1976), publicação coletiva de poemas amassados jogados num saco de papel, ao lado de Antônio Franco Alexandre, Joaquim M. Magalhães e Hélder Moura Pereira. Autor de quatro livros de ficção e renomado crítico de artes plásticas, o título em epígrafe, entretanto, constitui seu vigésimo livro de poesia, na seqüência de um extenso e variado trabalho, referência compulsória para a compreensão da produção poética revelada em Portugal nas últimas três décadas.

Resultado deste rico trajeto, seu texto, atravessado pela ambigüidade e flutuações de sentido possibilitadas pela descontinuidade e ironia, revela uma síntese do rigor herdado dos anos 60 e da narratividade dos anos 80. O fascínio pelas ruínas e escombros, tanto de uma história coletiva como de uma memória individual desolada, associa-se a uma imprecisa e onipresente melancolia, *esse triste fluir a que se chama memória*, num discurso por vezes ironicamente próximo das modulações notariais da linguagem, ressaltando o aspecto pomposo e *a quase banalidade dos feitos* do passado. Nessa revisitação da história, a voz poética se projeta para uma antigüidade que se mostra terrivelmente contemporânea, numa concepção

pós-moderna reveladora de uma irremediável fluidez entre o presente e o passado:

(...) Era alto e magro e dei com ele nos primeiros degraus da escadariado
[Colégio. Não
é dado a qualquer trazer até ao adro
ondas do mar
de Nagasaki.
Tinha a voz treinada de um actor, era
dono do timbre perfeito.
Hideyoshi, porém, decreta a expulsão
[da Companhia,
decisão tomada enquanto bebia
[vinho da Bairrada.
Crucificava as suas vítimas de pernas
[para o ar, em
baixios que em breve a maré
[inundava.
("Incipit vita nova")

Purificada pelo fogo – a poesia de João Miguel F. Jorge foge à idéia de poesia como delicadeza (*os professores e motoristas confundem poesia com delicadeza*):

Sujeita os teus versos por brevíssimos
[segundos
a uma chama: as marcas do fogo,
[a coluna do fogo a fonte
do fogo. A aceitação da cor, a aura azul
[é o rumor do amarelo.
("Eu sei")

Ostensivamente debruçada sobre a linguagem, a radicalidade desta poesia reside na

criação de uma atmosfera fluida de mistério e ambigüidade, em que o sentido último (ou único) se esfuma diante da natureza fugidia de um dizer incerto – *palavras, obscuros traços que não entendo, e / a idéia de vir um dia a compreendê-los faz-me / tremer*. O fantasma do desejo à deriva, tocado por uma aura de ascetismo e paixão, percorre inúmeros poemas, entre eles “Viviam num velho bairro de estudantes” e “In den Kasernen”, de que se transcrevem alguns versos:

(...) O homem ia na rua escura.
[Chamava-os por um nome
ao acaso Filipe Álvaro Jacinto Gabriel
[João; preso
de um modo doce à amargura que um
[nome sempre tem.
Era ainda um homem muito novo, num
[fato escuro
mas um homem que trazia na voz a
[velhice sábia dos
engates. E os soldados armados do
[quartel no centro
da cidade passavam por detrás das
[grades, entre as
altas roseiras do jardim
e o homem, indiferente aos que pudessem
[cruzar com
ele e mesmo aos que parassem
[olhando-o reprovadora-
mente, ele estendia as mãos, apertava
[com força
as grades e dizia ao que estivesse mais
[próximo

“um broche em troca de uma dessas rosas
[amarelas],
como quem chama gatos atirando-lhes
[uma sardinha
fresca. (...)

Entre as inúmeras linhas de força deste *dizer* equivocado (a poesia é sempre um falar arrebatado) – as incursões pela história, a inquietação do desejo, as reflexões sobre a poesia, os desdobramentos da guerra colonial, a melancolia associada a meditações sobre a morte e a solidão, a busca de um sujeito intangível e sedutor, as descobertas das viagens e os reflexos da memória – a concepção de que a arte é *uma sombra à beira do deserto* confere um estatuto

redentor ao trabalho poético. O poder de criar transforma-se numa nova transcendência, apesar do avassalador niilismo que banaliza quase todos os valores. *Porque os políticos não são nada, porque / quem conduz o mundo são os deuses e a arte e a ciência; a / beleza e a vida.* Este o fundamento grego desta poética, a crença na destinação órfica da existência. E para que se consolide, o intento criador necessita estruturar o universo, o que só se torna possível através do olhar voltado para a passagem do tempo: *o verbo ver encerra a estrutura do mundo, a / ordem do tempo e a fragilidade dos vencidos.*